

Avrial

8ª edição





Kyrial

ISSN 1982 – 1085
ANO VIII – Número 8
Novembro de 2015
revistakyrial@outlook.com
facebook.com/RevistaKyrial

Edição & Redação

Camila Bragion
Débora Campos
Jonas Oliveira
Nandara Carmassi
Nayara Clemente
Tainá Gambugge
Viviane Vieira

Comissão Editorial

Eliane Righi
Joana de São Pedro
Karina Vicentin
Maria de Fátima Silva Amarante
Tereza de Moraes

Revisão

Tereza de Moraes

Capa

Jéssica Paulino

Projeto Gráfico

Thaís Bristotti
www.thaisbristotti.com.br

Autores

Allan Sacheto
André Bonani
André Gazotti
Carolina Mantovani
Débora Campos
Gabrielle Albiero
Gustavo Nogueira
Idania Alvizuri
José Edgar Bachman
Julia Bergamo
Karina Vicentin
Márcio Oliveira
Marcos Antonio do Nascimento
Mariana Salmazo
Milena Gomes
Pamela Mayara
Pedro Siqueira
Rafael Censon
Simone Pedersen
Thiago Scornaienchi
Vinícios Ramalho
Vitória Seidel

Artistas

Bruno Taliani F.
Carriero
Gabrela Sala
Helena Valeriano
Idania Alvizuri
Kasmirra Robaina
Lucas Souza
Maíra Bortoleto
Olívio Neto
Thaís Bristotti
Wilson Wenceslau

Revista de literatura publicada pelos alunos da faculdade de Letras da PUC-Campinas, que hoje se encontra em sua edição número 8.

Kyrial é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização.

Tiragem de 250 exemplares.

EDITORIAL

Imaginação, criatividade, ficção, fantasia, ilusão, sonho, idealização. Há uma ampla gama lexical para definir o universo do qual, lamentavelmente, não fazemos parte. As capacidades de imaginar e de transpor essa imaginação para uma representação linguística e/ou artística sempre tiveram, nas culturas humanas e no próprio sujeito, uma importância existencial. Apesar do caráter alegórico, é, a partir da leitura literária, que o leitor estabelece relações entre o que foi lido e suas experiências pessoais, promovendo, dessa forma, o encontro consigo mesmo por meio da escrita do(s) outro(s). Trazemos, nesta edição, através da escrita poética e das ilustrações de nossos colaboradores, a apreciação de suas ideias, sonhos, angústias, alegrias, sentimentos ocultos e, ainda, suas maiores lutas para atravessar a existência. Muitas vezes, a realidade vivida se torna tão insuportável que temos que imaginar e conversar sobre uma realidade melhor, no futuro ou noutra lugar, com a qual sonhamos e da qual pretendemos, um dia, participar. Além de seu valor recreativo e educativo, a ficção ajuda-nos a nos mantermos vivos, porque nossa complexa capacidade de avaliação do mundo nos remete, entre outras coisas, a uma enorme fonte de tristezas. Ademais, é nossa imaginação que nos permite vislumbrar soluções que ainda não existem para os problemas que já existem. Nesse sentido, a escolha adotada pelo corpo editorial de não se limitar a um tema predeterminado se justifica por desejar aos leitores um encontro com pensamentos que se complementam ou se antagonizam com os seus, bem como de possibilitar-lhes outras maneiras de ver e entender o mundo. Que ao término das leituras sejamos presenteados com sorrisos, suspiros e sonhos.



SUMÁRIO

Mrs. Fobé	8
O sexo do mar	9
Calypso	10
Parece que vou jorrar sangue	12
Sem título	13
Sem título	14
Lua nova	16
As estações	17
Coração de groselha	18
Sem título	18
A dor do (re)conhecimento	20
Vítima do pecado	21
Renegades	22
Anônimos	24
Asilo da alma	26
Crônicas de um diário dado, a sinfonia da vida	27
Lira à felicidade	28
Sem título	28
O-	29
Inflamações	30
Você sempre estará aqui	31
A grama que cresceu entre o concreto	32

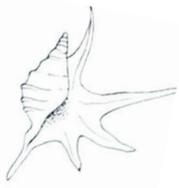
Mrs. Fobé

Pamela Mayara



Mais um dia amanheceu, o sol não
veio iluminar, desta vez.
Era três de julho, e nossa jóia
Foi brilhar no celeste chá das cinco inglês.
Recordo-me como se fosse hoje...
Quando criança, era visível minha
preocupação com a chuva.
Pensava que Deus lavava o mundo
com suas lágrimas.
Mas aquele dia... Ah! Aquele dia!
Havia algo diferente nos céus...
O dia amanheceu chuvoso,
não porque Deus estava triste:
Não eram suas lágrimas que molhavam a Terra.
O choro dos céus era de alegria, enquanto o meu:
de eterna saudade!
Foi-se embora nossa Rainha, aquela que
Achávamos que nunca iríamos perder.
De certa forma, não a perderemos nunca,

Pois dentro de cada um de nós irá viver!
Como falar de Shakespeare sem se lembrar dela?
Queria-a tão perto que me esquecia do seu querer.
A morte é vida! É essa antítese que nos faz viver.
Vida para quem descansará nos braços do Criador,
Vida para aqueles que, depois de tanto caminhar,
Merecem o descanso prometido.
Dormem acordados bem dentro de nós...
Despedi-me das mãos que me ensinaram tanto,
Dos olhos que sabiam me encontrar em cada
entrelinha...
Despedi-me da sabedoria que alegrava
a humanidade,
Da poesia em forma de mestra!
Tinha tantos planos para lhe contar e
Tantos outros para os quais contava com você...
Naquele dia, despedi-me de quem mais acreditou
em meu talento.
Da sabedoria viva em forma de anjo!



O sexo do mar

André Bonani



Peguei-me pensando, dia desses, no sexo do mar. Sentado no vagão do metrô, pela manhã, eu murmurava incauto o refrão da canção “La Mer”, de Charles Trenet, quando me pus a folhear um livrinho de Neruda que um amigo me trouxe de presente do Chile. Zanzando pelas páginas, deparei-me com a seguinte passagem: *la medianoche ha llegado y un gong de muerte / golpea en torno mío como el mar*. Fez-se de súbito um desarranjo em minha cabeça. Notei, atônito, como se houvesse desvendado algo como o hermafroditismo do Pelé, que o mar para Trenet era feminino, e que para Neruda era masculino. Como era possível isso? Como era possível que línguas aparentadas, com uma raiz em comum, manifestassem o mesmo conceito com gêneros diferentes? Seria uma mera questão de ponto de vista? Quer dizer então que para o espanhol, nosso irmão no espectro originário do latim, o mar golpeava as praias viril e másculo feito fosse um Antonio Banderas, e que para o francês, elegante primo de 2º grau, alisava as areias lânguido como o olhar de uma vedete da nouvelle vague?



Aquilo tudo me deixou bastante intrigado. Descendo do metrô, caminhei até o escritório completamente absorto em metafísicas acerca dos problemas de gênero. Rapidamente constatei que, além do português e do espanhol, também no italiano a palavra era masculina: “il mare”. O placar apontava, desse modo, 3x1 em favor da equipe dos homens, o que dava ao embate um ar de gincana de programa de TV dominical dos anos 90. Mas os oponentes ali não eram Tiriricas nem Loiras do Tchan: eram idiomas antiquíssimos pelejando para definir quem tinha razão num debate linguístico antológico. Apesar dos dois gols de diferença, aquela era uma partida completamente em aberto.



Chegando ao escritório, mal dei bom-dia aos colegas de trabalho, de tão cismado que estava com a contenda. Então, no segundo ou terceiro

gole do café de garrafa térmica, Arquimedes baixou em mim. Eureka! A solução era óbvia: o latim. Ali, no cerne desta árvore de línguas que se bifurcou em ramos feito as veredas do jardim de um conto de Borges, ali eu encontraria a semente original, a pérola, a pedra filosofal que esclareceria não o sexo dos anjos, mas o sexo do mar.



A sacada me levou imediatamente até a sala de meu chefe. Eu sabia que ele dominava o latim: na última festa de fim de ano da firma, depois do décimo terceiro chope, ele havia me contado que fora coroinha e que estudara latim quando criança, no colégio São Bento. Bati em sua porta e entrei abruptamente. Depois de um breve bom-dia, fui dizendo sem mais nem menos, como se aquela fosse uma questão prosaica: “Luiz Carlos, você saberia me dizer qual o gênero da palavra mar em latim?”



Raras vezes em minha vida recebi um olhar tão depreciativo. Meu chefe me encarava em silêncio como se dissesse para si mesmo: “De onde esse teletubbie tirou isso? São nove da manhã de uma terça-feira!” Eu depositara grandes esperanças naquela cartada para desvendar o enigma, mas e não soube me dizer se os padres haviam lhe ensinado, em latim, que Jesus caminhara sobre “o” ou “a” mar, nem se Moisés dividira ao meio, para a fuga dos judeus, uma entidade feminina ou masculina.

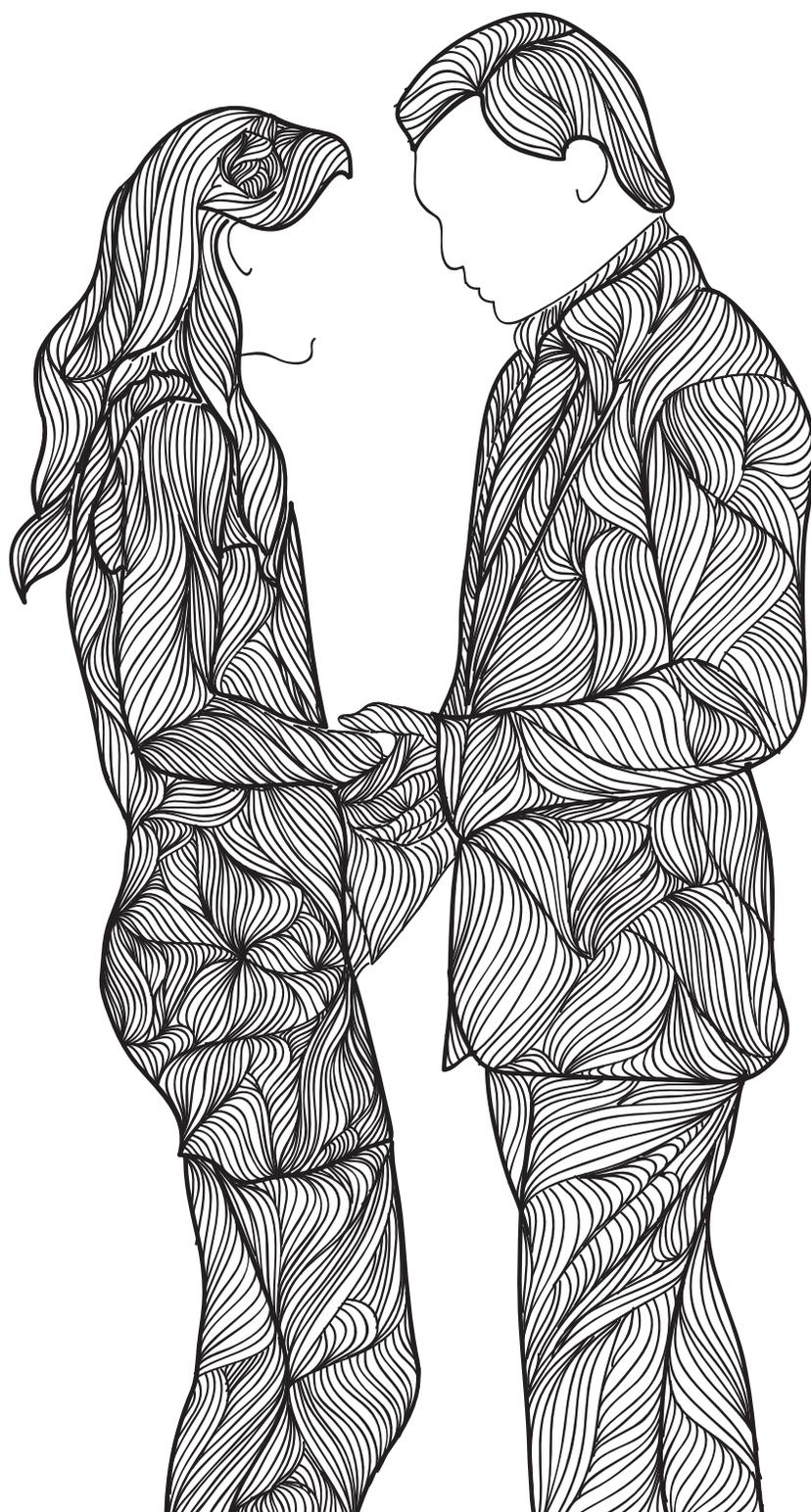


Retornei cabisbaixo ao meu cubículo. Tinha que aceitar: não seria possível aniquilar minha inquietação momentânea e desvendar o sexo do mar. Eu nem sequer teria tempo de caçar essa curiosidade na internet, pois meu chefe não só não me ajudara em nada, como também me afastara de meu propósito: passou-me serviço de três dias para ser feito no prazo de um. Aquela indagação ficaria para bem depois, já sem tempero, envelhecida, sem o brio do instante que a gestara. O placar apontava: vida de estagiário 3, vida de filósofo 0.



Calypso

Débora Campos



O Lorde, entre os quilômetros de solidão ao seu redor, contemplava com tristeza no semblante a noite que caía sobre o seu navio, Rêverie. Ele rodou em seus dedos a velha bússola dourada, marcada por ferrugem e arranhões causados pelo tempo, incerto do caminho que deveria tomar a seguir. O vento daquela noite estava forte, violento como as ondas batendo na madeira do navio, assim como eram violentas as batidas de seu coração.

Arrumou as vestes negras e se retirou da proa, ponderando onde havia parado sua tripulação. Será que havia uma? Estava por tanto tempo preso àqueles devaneios que não se lembrava da última vez que tivera a companhia de uma pessoa. Somente o velho carvalho, que se tornou o seu amado Rêverie, o vento do Sul e a sua amada, o Mar.

Esmagado por aquelas súbitas emoções, notou que agora se jogava na direção do feroz oceano, sedento por sua atenção. Quanto tempo mais levaria para que aparecesse tal oportunidade? Seus olhos arregalaram-se, sabia que aquele era o certo mergulho em direção a ela.

Como se seus pensamentos a tivessem atraído, o Lorde reparou no brilho sobrenatural que vinha do fundo do mar, diante dele. As ondas se levantavam e quebravam, tornando a visão da profundidade difícil, mas, a cada rufada de vento, o brilho verde tornava-se mais claro e parecia alcançar a superfície. Bolhas surgiam, como o fervor de uma panela com água em um fogão, e o som do grito do que vinha era forte e estrondoso.

O Lorde se segurou na borda do navio, agora com medo de que fosse cair, mas ainda assim ansioso para o que estava por vir. As rajadas de vento aumentavam e tentavam jogá-lo para longe. Por que conspiravam contra ele? No meio da auréola verde surgia um corpo cinzento, como pele morta. O Lorde riu de alegria. Era ela! Era ela!

Calypso surgiu do mar negro como uma flor que florescia no escuro. O cabelo negro encharcado e cobrindo-lhe a cara, os lábios rosas acinzentados fechados em uma risca, o corpo nu, inerte, e as pernas e braços juntos a ele, como um cadáver em seu túmulo. Seu corpo subiu verticalmente até que os seus pés beijaram de leve as águas violentas.

- Calypso! Calypso, minha amada! - gritava o Lorde. - Olhe para mim! Deixe-me ver o seu rosto! O corpo da ninfa do mar tremeu ao som daquelas

palavras. O Lorde se animou perante aquela súbita resposta até notar que o seu tremor significava repulsa. O pobre homem se afastou da borda do navio, chocado com o que via. Ela deveria amá-lo. Lembrava-se do sentimento que vinha dela, - não sabia de quando era ou como possuía aquelas lembranças, mas lembrava-se e aquilo já bastava - então como havia mudado agora o que sentia por ele? O que havia de diferente desde aqueles momentos?

Lorde preparava-se para indagar-lhe tais perguntas quando, em uma imagem horripilante, Calypso escancarou a boca e, nos breves segundos que se seguiram, o Lorde foi brutalmente puxado de seu navio para o interior de sua garganta. O pobre homem gritava, debatia-se e arranhava o que quer que fosse em seu caminho, até que foi jogado contra um cômodo escuro e úmido. Respirou fundo, encolhido, amedrontado e dolorido, sem saber onde se encontrava ou o que esperava por ele. O som do mar ainda o perseguia, assim como a presença de Calypso, mas apesar do que havia pensado ele, o medo pelo infinito escuro parecia mais racional do que o que sentia por sua amada. Que ilusão!

Almejando por forças, o Lorde puxou o ar abafado mais uma vez e levantou-se, sentindo as dobras dos joelhos quase cedendo contra o chão úmido. Ao manter-se de pé, com as costas arquejadas e a respiração forte, caminhou em direção à fraca luz que se encontrava ao longe. Pelo caminho ele tropeçava e sentia os joelhos novamente exorando descanso, mas permaneceu seguindo em frente, sem saber ao certo o que mais poderia fazer.

Quando finalmente chegou até o seu objetivo, o Lorde percebeu com tristeza que estava nas janelas misteriosas de Calypso: seus olhos negros. Encarava o seu navio, Rêverie, sendo afundado pelas fortes forças do mar e o sentimento de indiferente traição vindo do corpo da ninfa. O Lorde gritou, jogando-se contra as pupilas negras, arranhando-as, tentando escapar daquela triste prisão - sempre sonhou, ingenuamente, entrar na cabeça de sua amada, mas, agora que o fizera, apenas o que queria era fugir dali, amedrontado pelos seus verdadeiros pensamentos. Os movimentos violentos e contínuos eram suficientes para ele ver o sangue escorrendo do lado de fora de seus olhos e molhando a sua face acinzentada, mas não o suficiente para tirá-lo dali, e, ao escutar os pensamentos da ninfa, o Lorde teve certeza de que nada seria.

Parece que vou jorrar sangue

Milena Gomes

Parece que vou jorrar, explodir.

Parece que não vou aguentar, é torturante, dá medo, não passa, agarra aqui no peito e não sai.

Eu vivo em um constante perigo de morte, ou talvez de vida, é um sopro que eu ainda não sei que resultado vai dar.

Escorre sangue, escorre lágrima, escorre dor e amor, escorre nossa história por entre meus poros, eu respiro você e há meses estou sem ar.

Eu tento parar, eu tento sanar as memórias, esconder os fatos, inibir meus pensamentos, mas minha cabeça gira e gira em torno de uma narrativa que nos une em todos os contextos.

Eu queria saber parar, mas eu estou viciada, eu não consigo e nem sei viver sem isso, mesmo que seja difícil, mesmo que doa.

Em cada curva desse meio enrosco e me deparo com pontos de explosão, eu libero lava a cada instante.

Eu estou ficando louca?

Eu, eu, eu, eu não consigo mais,

eu não sei resistir.

Eu estou com a angustia entrelaçada na garganta, com um nó nas pernas e com o coração preso, eu não sei sair daqui.

Fecho os olhos, vejo o escuro, sinto o som dos seus passos.

Sinto a agonia de ter você por perto, sinto o desconforto de não saber o que fazer, sinto a boca trêmula, o coração acelerado, as palavras somem.

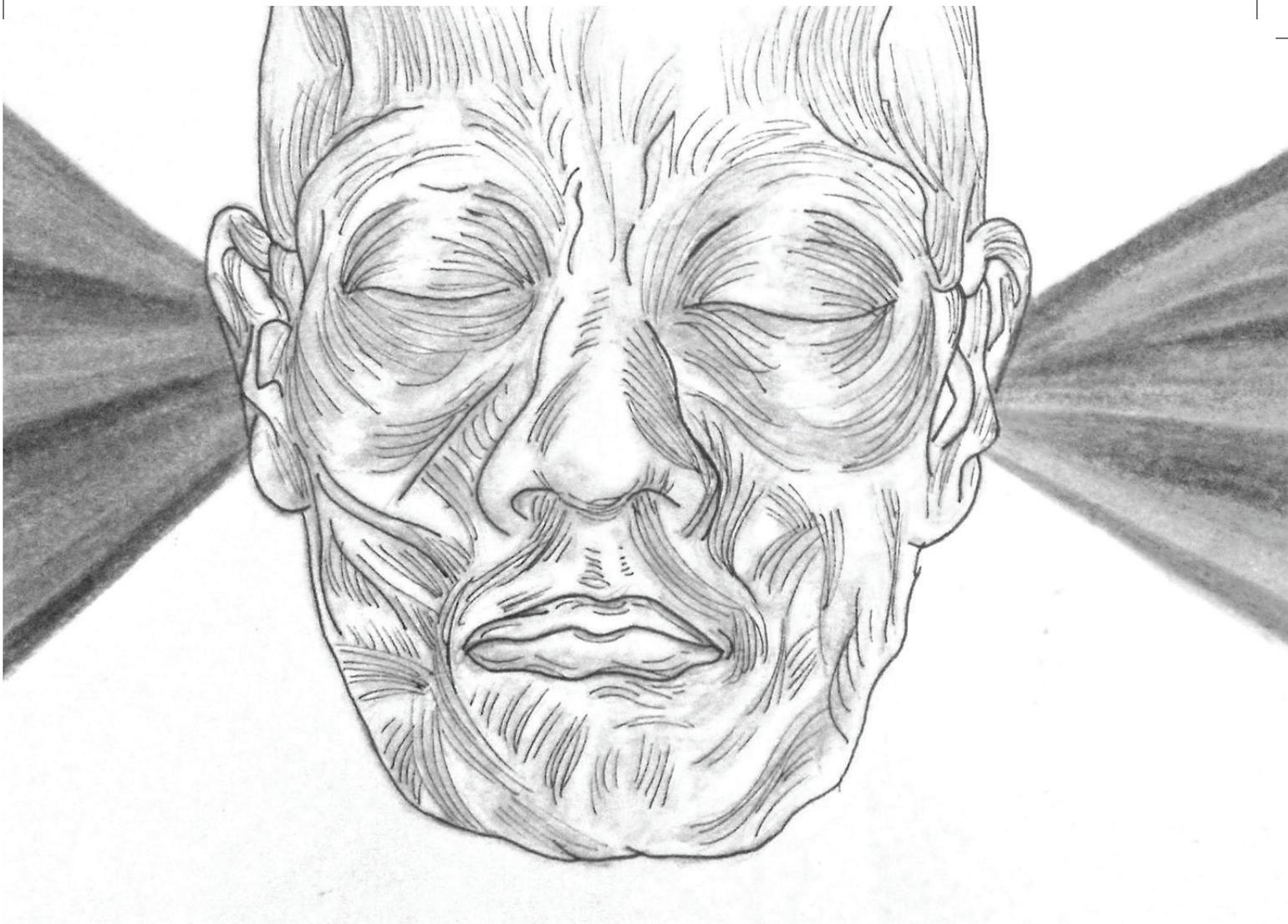
Eu desvio, esbarro nas paredes, toco nos móveis, tudo fica vermelho, cena de terror. Paro por um segundo, correr pra quê? Qual o sentido? Se dali a pouco eu estarei na sua direção em busca de uma forma para ressurgir pra vida.

Eu não sei o que fiz da minha vida quando deixei que isso acontecesse, eu não sei quem matou, eu não sei quem morreu.

Um crime aconteceu, nessa noite um vulcão explodiu.

De um lado vida, do outro morte.

Quem morreu? O amor, ou eu?



Sem título

Pedro Siqueira

eu sei
o quanto é fácil
distrair-se
com
copos de água
texturas macias de seda veludo
relógios atrasados
o tempo exato dos limpadores de para-brisa
a soberania dos nós cegos
as certezas que a noite simula
a leitura dos hábitos dos vícios
a incontidência da raiva
a mentira velada nos poemas de amor
os corpos túrgidos de desejo
as somas erradas
a obediência à dor
as palavras inacessíveis
os símbolos universais que nossos gestos traçam no ar
a demora das faltas
os aquários

- e no entanto



Sem título

Gabrielle Albiero

“A quinta casa astrológica está associada à afetividade e às paixões, da mesma maneira que Vênus carrega no seu simbolismo a analogia com o amor. Quando esses dois símbolos se encontram associados, forma-se uma aliança potente.”

Eu não sei dizer ao certo o que fez com que Eleonora se tornasse assim tão estática – nada mais que aquele retrato sobre a máquina de escrever. Dela, quase tudo ali: a face rosada, o olhar distante, a boca, a boca... Mas falta a essa Eleonora aquela outra. A mim, também. E tudo fica assim, vazio.

Vazio: uma casa, uma máquina de escrever, o retrato de Eleonora e o de Manjushi, o Buda da sabedoria, que, quem sabe, me diga o que fazer com uma casa que é só isso.

Que é só isso: uma casa antes povoada por ela. Quantas mulheres em uma! Eu quis dormir com todas, eu quis vê-las dormir, eu quis dormir perto de todas. Eu sonhei com todas. Entretanto, no retrato só uma – que já me bastaria. E nenhuma, Eleonora que não era uma imagem. Quem era Eleonora? Quem era Eleonora? Esteve aqui por três luas cheias e a casa ainda ressoa sua voz grave. No reflexo dos seus olhos, tudo se alargava. Os meus espelhos, enfim, tinham reflexo. A comida tinha mesa, a mesa tinha chão, o chão tinha Eleonora.

Eleonora, na primeira lua, bateu à porta da casa V. Eu não saberia dizer como ela chegou até aqui. E tampouco importa, esse é o relato de como ela partiu e de como ela ficou. Ela, que nunca poderia partir de fato, pois, desde a primeira lua, meus alimentos tinham fome dela, a água na pia clamava sua saliva, e a porta rangia, rangia, rangia, se ela ia embora.

Se ela ia embora, levava também toda a atmosfera que trouxera, e os relógios ficavam confusos, órfãos do magnetismo de Eleonora a lhes nortear o tempo. E os móveis sussurravam: “Ela não volta...”

Ela não volta – eu já sabia desde a primeira lua. Escrevi-lhe cartas que o correio não entregou. E, em um romantismo desesperado, joguei-as ao mar dentro de garrafas de cerveja – naufragaram. Mas quando ela regressou, na segunda lua cheia, eu descartei o hábito de vestir de palavras as coisas, e Eleonora perdeu o

nome. Foi aí que tudo se perdeu, pois sem as delimitações de vogais e consoantes a me repartir e organizar o real, e como tudo na casa V se alterava com o toque dela, tudo ali que antes tivera nome, agora, chamava-se Eleonora. E ela, assim, despida de adjetivos, advérbios e pronomes – nua, mais me parecia a Vênus.

Vênus de Milo, bela, fascinante. E, entretanto, sem braços para amparar os móveis e objetos e a mim. Sem mãos para segurar as minhas mãos, sem dedos para me despetalar. Dúbia é a verdadeira beleza. A verdadeira beleza era Eleonora, que para mim era Vênus. E todas as outras coisas ao meu redor, os quadros, os livros, os discos, o vinho tinto e toda a mitologia grega – tudo tinha seu nome. Entretanto, foi-se a segunda lua cheia, foi-se Eleonora. E os móveis sussurravam: “Ela não volta...” Cada objeto da casa virara instrumento da sinfonia de sua ausência. Livrei-me de todos. Deixei a máquina de escrever para guardar os meus sussurros, deixei Manjushi para guardar o meu silêncio. De resto, nada mais, a casa vazia, os copos vazios. Até que Eleonora voltou.

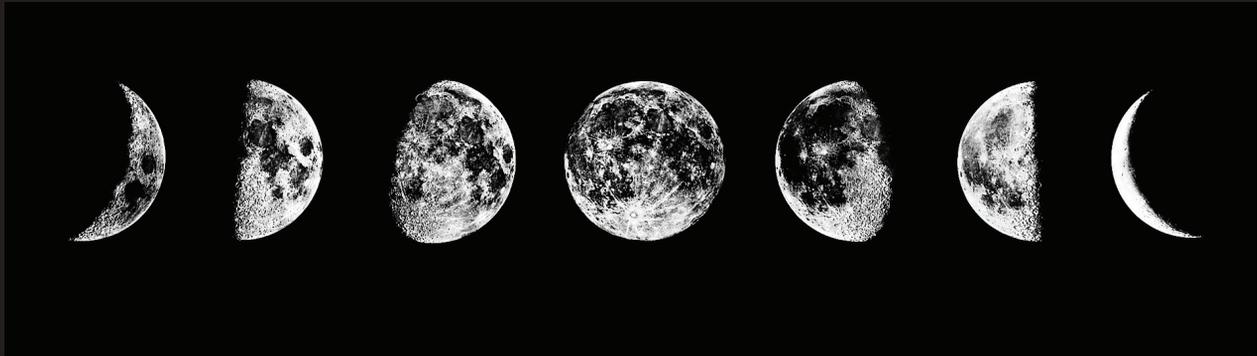
Voltou, na terceira lua. Austera, com a face rosada e algumas palavras sólidas na bolsa. Seu olhar me transpassava, e então eu soube:

Ela não volta mais.

Seu olhar me transpassava. Quis contê-lo, segurá-lo entre as mãos. Chacoalhar Eleonora, pedir que se portasse como se porta alguém que existe. Aproximei-me. Ela não se mexeu, por alguns instantes me olhou fixamente, como se me desnudasse. Foi o mais perto que chegamos de nós. Seu olhar negro me tragou como a ressaca e eu me deixei ir, e então eu soube:

Eu não volto mais.

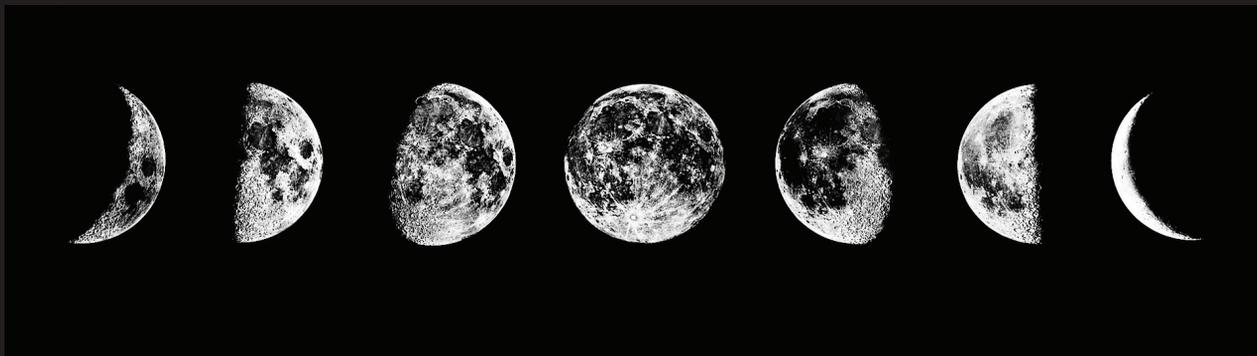
Seu olhar negro, sem qualquer lua que fosse que a trouxesse de volta, que me trouxesse de volta. Tão mais distante que aquela lua no céu, essa Eleonora que fito, um retrato na noite escura. O que a tornou assim, estática, eu não sei dizer ao certo.



Lua Nova

Karina Vicentin

Varanda. Rede. Eu. Lua.
Vou pra varanda.
Deito na rede.
Observo a lua.
Misturo tudo.
Vou pra rede.
Deito na varanda.
E ainda observo a lua.
E me misturo.
Vou pra lua.
Deito na rede.
E vejo sua varanda.
E tudo junto.
Vou pra varanda.
Observo a rede.
E deito na lua.
Nua. Eu? Não, a lua!
E tudo muda.
Vou pra varanda.
Deito na rede.
Observo a lua.
E penso em você!





As estações

Márcio Oliveira

Outono, quando as folhas caem,
E a vida, aos poucos, se esvai,
De forma a escapar-nos às mãos;
Quando a Natureza se desnuda
E, já sem voz – muda,
Recolhe-se em imensa solidão.

Inverno frio, intenso e rigoroso,
Envolto em branco manto majestoso,
Que, vagarosamente, do céu cai;
Quando a esperança desfalecida,
Com seu último fôlego grita,
Mas ninguém há que a ouvir vai.

Chega, então, a Primavera,
Com suas flores belas.
Em seus braços carrega vida, voz e esperança.
Suas cores radiantes
Brilham como já brilharam antes
No ritmo de uma alegre dança.

O Verão traz consigo
Certezas, amores, amigos,
Acende-se uma ardente chama.
E, antes que o ciclo termine
E mais uma vez se inicie
Guarde no peito abraços... sorrisos... lembranças...



Sem título

Carolina Mantovani

Ninguém caminha comigo. Sou só. Sou solidão. Sou muralha indecifrável, impenetrável. No meu caminho apenas sombra. Apenas sobras de falhas. Na manhã ensolarada, pedras e espinhos. Sou rosa. Sou passos marcando a estrada lamacenta. Sou tentáculos. Sou verde e amarelo. Oito ou oitenta. Sou só. Sou furacão devastando cidades, corações, canções. Sou brisa. Sou frio. Vento puxando água dos sonhos na tarde cinza. Sou o olhar daquela menina feliz. Sou a lágrima do bebê chorão. Sou a esperança do jovem e a lembrança do velho. Gotas e gatas. Sou catarse. Sou ópera. Na carta, sou “eu te amo” sincero e “eu te odeio” envergonhado. Não sou nada além disso. Sou tudo, sou nada. Palavras vomitadas na sopa de letrinhas. Sou a noite de inverno. A fumaça do cigarro. Sou ele. Sou você. Sou só. Solidão.



Coração de groselha

Simone Pedersen

eu tenho dois corações	o de cima contudo
um no peito	me põe na linha
um na cabeça	o de groselha
o do peito é imenso	enxerga o sonho
quente e vermelho	o de gelo
o da cabeça	é verdadeiro espelho
é frio e cinzento	o mais difícil contudo
o do meio do corpo	é saber o justo momento
me deixa tonta	de acionar um ou outro



A dor do (re)conhecimento

Gustavo Nogueira

Eu, eu não sei, não me conheço, não sei quem me conhece, você me conhece?

Meu coração bate com sentimentos não distinguíveis, irrelevantes, irracionais, imortais. Imortal serei eu se nada ou ninguém me consumir; consumir, tudo me consome, me esgota, me acaba, me enche de alegria, alegria; alegria, liberdade, felicidade, idade, idade que nos fazem, fazem eu e você mais velhos a partir de então, desde o princípio, nascemos para morrer, nascemos e começamos a morrer, respiramos e morremos mais um pouco, pois porque então não paro de respirar? Para não morrer.

Asfixiados morremos, contudo respiramos, respiramos para viver, viver a vida, correr, ser livre, não ficar triste, para a infelicidade de outros, estamos aqui, ali, cutucando a ferida, felicitando a mesquinha, é mesquinha pois está fechada, está presa a si mesmo, ou a outro esmo. Idolatra a liberdade, a fim de livre aparência; livre ser, livre eu, você, todos nós. Porque não livres somos? Pois mentimos, mentimos para esconder o que somos, ou melhor, para esconder o que queremos ser, um dia seremos, e assim queremos, sonhamos; sonhamos para outra realidade ser vivida, para entrar no nosso mundo, no nosso próprio mundo, nossos gostos, cores, cheiros, ações, pessoas; pessoas diferentes, cores, sexo, saúde, doença, orientação sexual, gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais... não são doenças, como muitos doentes, doentes mentais pensam, eu sou livre, você é livre, somos livres, não escolhemos, ou recebemos diretrizes na hora da luz, simplesmente é assim, assim que tem

que ser, diferenças, diferenças para a vida não ser igual, não ser monótona, por isso o bem e o mal, o ying e yang, o preto e branco, o amor e o ódio, todos os opostos, opostos para improvisar, completar e crescer perante a eles, perante, crescemos, desenvolvemos, vivemos, vivi, vivo e vou viver, vou crescer, mas sempre serei eu, eu vou mudar, mas não deixo, não deixo que pessoas me mudem, influenciado sou, serei e seremos, pelo capitalismo que gera e roda capital para lá e para cá, só não chega a mim, a mim chegam perguntas sem respostas, cartas vazias ou cheias de ar, pastel de vento, sussurros, vozes solitárias e vazias pedindo clemência, clemência não a mim, ao mundo, ao mundo que volta seus olhos a cada uma das cabeças existentes, criticando, influenciando; crítico, criticamos, críticas construtivas, opinião, ajuda, uma mão, um braço, um ombro amigo, um apelo, perdão, amor, amor que eu quero, todos queremos, carinho, carência, amamos e correspondido muitas vezes não somos, de um lado as distâncias como obstáculos que não podem ser desculpas do outro o avião como resposta, como consequência da globalização, globalização que traz culturas e assim aprendemos, depois de aprender repassamos, repassamos de geração a geração; gerações se passaram e ainda não entendo, não entendi e provavelmente não entenderei; decifrar arrepios, calores, frios, produtos dos sentimentos que ainda não sei, não entendi, me precipitei; não me conheço, conheço ele, ela, você...

Talvez medo sentiria se me conhecesse, se entendesse os tons do meu coração.

Vítima do Pecado

Mariana Salmazo



Sou vítima do pecado
Sou um vidro quebrado
Sou um caco no chão.

Sou a alma banida,
A carne maldita
Que me causa a dor.

Sou viajante nobre
Da corte à morte
Que me faz incolor.

Sou o que chamam de mal
Sou fracasso total
Dilacerado ao caos.

Sou rasteiro em nuvens
Sou mulher de volume
Sou a Dona Rancor.

Sou de “falha a memória”
Sou o “senta e chora”
Sou a flor que brochou.

Sou o narrador onisciente
Sou a personagem
presente
Sou a fúria do amor.

Sou a causa da dengue
Sou a chuva corrente
Sou o pavor do rancor.

Sou na vida a prostituta
Sou na barriga a filha
Na morte a tortura.

Sou mulher independente.
Sou o alguém inocente
Que com o vento secou.

Sou onipresente
Em sonhos carentes
Que te fazem chorar.

Sou crápula doente,
Sou o ódio coerente
Sou o medo de te amar.

Renegades

Idania Alvizuri

To the renegades of society
Who wander with fragile lungs
And heavy hearts

To those who possess
Faults in their codes

To those who worst enemies
Are their own blurry faces:

I salute you.





Anônimos

Marcos Antonio do Nascimento

Era tarde da noite, e ele estava em sua janela fumando e pensando. Encarava o céu como se buscando alguma explicação nas estrelas. O segundo lia teorias de Freud sentado na cama, sem muito se preocupar.

O primeiro fala:

- Acho que devemos dar um tempo.
- Um tempo?
- Sim, um tempo.
- Você sabe o que “tempos” significam né?
- O quê?

Pausa.

O primeiro se lembra de como o conheceu. Estava atrasado para o encontro com os amigos em um bar. Ao chegar, foi apresentado a esse amigo de sua amiga, calouro de Psicologia. Foram fumar algumas vezes, mesmo que o segundo não fumasse frequentemente, e se deram muito bem, teorizando sobre tudo que era possível, o último álbum daquela cantora pop, a economia do país, a situação da Ucrânia, sexo. Seus amigos em comum deixaram que um futuro psicólogo e um futuro publicitário, o primeiro perfeccionista, que acredita saber de tudo e chato, e o segundo, perfeccionista, que acredita saber de tudo e ainda mais chato se entendessem e se conhecessem melhor. Saíram mais algumas vezes, e viram que combinavam. Publicitários são charmosos também, e psicólogos são por iguais encantadores. Não demorou muito e se apaixonaram.

De volta à janela, o céu não lhe dava respostas. O que queria afinal? Estava finalmente com alguém que o preenchia. Não sentia mais medo da carência. Sentia-se completo, mas, e aí? O que viria a seguir? Tempo.

- Me desculpe.
- O segundo para com os textos.
- Pelo quê?
 - Por pedir tempo.

- Você não tem que se desculpar.
- Estou perdido.
- Todos estamos.

Lembrou-se do dia em que juntos nadaram nus na piscina de uma festa. Assim mesmo, sem pudor. Tinham-se beijando apenas uma vez, e ainda existia aquele frio na barriga que o começo de algo proporciona. Sem pestanejar, pularam e, lá na água, na frente de todos, beijaram-se pela segunda vez e souberam imediatamente que estavam apaixonados.

Como poderia ele, então, querer um tempo?

O quarto era silencioso, apenas ouviam-se as folhas do xerox sendo viradas, carros distantes e o barulho do cigarro sendo tragado, porém não doía, não era torturante. O silêncio deles era paz, era conforto.

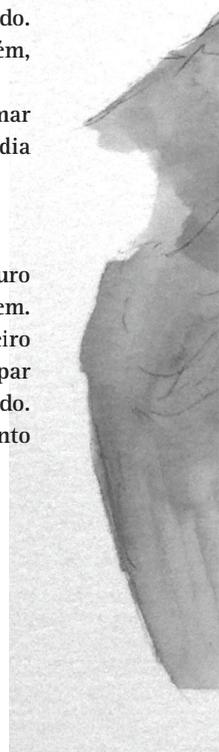
O primeiro, ainda tentando se desculpar, diz:

- Desculpe-me, acho que errei com você.

Eles não se olham nos olhos, continuam com suas atenções para seus respectivos interesses. É uma conversa trivial, dessas de cozinha, de antes de dormir, tomando chá. O primeiro sentia-se perdido. Confundira-se todo. Acreditou mesmo que felicidade ou qualquer noção do que ele faz com a vida dependia de ter alguém a seu lado. Não. Aparentemente, é bom e reconfortante ter alguém, mas suas dúvidas... Elas estarão sempre presentes.

O segundo sabia disso, sabia que não podia transformar seu amor numa ilha de segurança. Que isso só dependia dele. Psicólogos e sua sensatez.

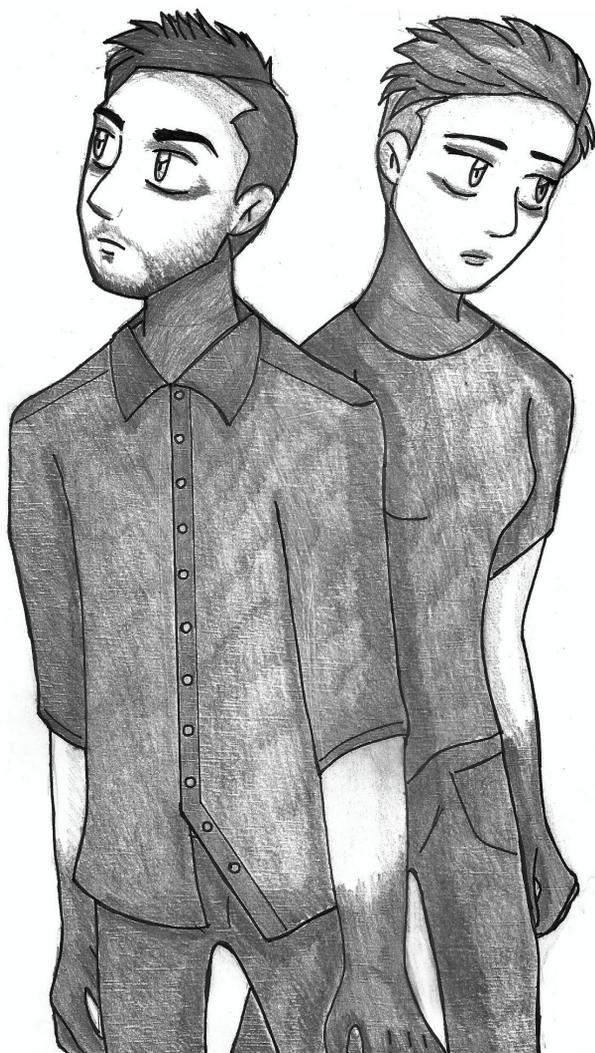
O universo, Deus, ou talvez o cosmo deixaram um futuro publicitário e um futuro psicólogo se apaixonarem. Não os punia, mas os marcava pelo drama. O primeiro termina o cigarro. Sabe que não precisa se desculpar mais. Vai para cama e tira os papéis da mão do segundo. Beijam-se, e ali, naquela meia luz, naquele apartamento anônimo da cidade, fazem amor.





Asilo da Alma

Rafael Censon



*“Assim, porque és morno,
e não és nem quente nem frio,
vou vomitar-te da minha boca.”*
Apocalipse 3:15-16

não vivi,
tenho o coração intacto,
já não choro e meus olhos são um córrego seco.

não morri,
tenho a escuridão intacta
já não brigo e meu grito é um sonoro medo

minhas mãos espalmadas, assim,
pedindo o perdão de existir,
são apenas sinal de que o tempo passou,
não me dei por mim,
e fui me esquecendo bobo,
largado no banco de um ônibus,
sem pressa, nem lugar pra chegar;
é sempre assim:
Deus faz só chover para ver a chuva nos molhar,
e lá vai a vida toda passando pela janela

não fui digno de nenhuma dor.
tentei, mas com medo do tapa, fiquei de lado
Quis dizer muito, não disse nada: fiquei calado

entrei com vergonha na realidade.
estou todo intacto - puro
imaculado da vida e da verdade,
e meu remédio hoje é morrer de futuro

não morrerei a tua morte,
não morrerei na tua cidade,
não morrerei como homem, nem gente:
morrerei com o tempo
nem mesmo com o tempo:
com a passagem do tempo
morrerei só(mente).

Crônicas de um Diário dado, a Sinfonia da vida

Thiago Scornaienchi

A camada espessa de chuva cobria a cidade como um manto, um cobertor frio e redentor que escorria pela madrugada levantando a nevoa cinza-esbranquiçada dos bueiros. Mas isso era indiferente, não importava a chuva ou sequer o frio, não importavam os bueiros ou os ratos que os faziam de casa, nem o cigarro encharcado e apagado pendurado por entre os lábios inertes, pendendo entre os olhos cansados daquele maltrapilho que um dia já teve nome, mas naquele momento nada mais era do que parte da cidade, enraizado em seu meio-fio. O baque das gotas em sua pele estalava como água no mármore, os transeuntes em geral já não se incomodavam em averiguar se aquilo parado era algo ou alguém, ouviam-se apenas alguns murmúrios da cidade, fragmentos de futilidades:

“Você DEU pra ele, num deu?”

“Essa água toda e ainda dizem que estamos na seca, vai saber? povo ignorante!”

“Não, Murilo, eu tô menstruada! PARA!”

“Não, cara, é serio, ela tava bebassa, tava fácil fácil, só num rolou mais nada porque tinha umas amigas dela botando banca, saka?”

“Mari, alô? MARIANA? OI! É O DIEGO! AMIGO DA ANINHA, DESCULPA EU NÃO TÔ TE OUVINDO DIREITO...”

Essas palavras despejadas de maneira caótica poluindo o som da cidade, corrompendo o som da chuva, foi apenas por isso que ele parou por um momento para escutar, apenas um instante, e nisso se deu conta de que não havia motivo para continuar a andar, parou, se deu conta de que não tinha sentido segurar o guarda chuva,

soitou-o, se deu conta de que era inútil acender ao cigarro, e deixou-o se encharcar, então fechou os olhos e virou sua face para o céu, sentiu as gotas tamborilarem em suas pálpebradas, se esconderem em sua barba, tatearem o seu pescoço e embrasar teu corpo inteiro em um gélido e redentor abraço, como se a vida inteira estivesse lhe tocando pela primeira vez. Após alguns instantes sentiu uma mão lhe tocar o ombro e uma voz trêmula e excessivamente alta lhe indagar:

- SENHOR! SENHOR! - A mão o chacoalhava e a voz aumentou até tornar-se um irritante berro- O SENHOR TÁ BEM? PRECISA DE AJUDA?

tudo que pode fazer foi respirar e calmamente falar - shhhhh, é falta de educação se levantar e sair antes do show acabar -

- QUE SHOW SENHOR?! O SENHOR PRECISA DE UM MÉDICO? - a voz soando levemente mais distante poluía novamente o som - ALGUÉM AJUDA AQUI, ACHO QUE ELE ESTÁ DELIRANDO!

- Você não pode ouvir? Realmente não consegue escutar essa sinfonia?- Ele então olhou para a voz e descobriu nela um jovem loiro de olhos azuis acinzentados, sorriu e falou: “não sei quando nos tornamos arrogantes a ponto de ignorar a maestria da natureza quando toca suas melodias, mas acho irônico que, de forma tão singela, ela ainda a toque para nós, mesmo quando não parecemos mais dispostos a ouvi-la”.

Lira à Felicidade

André Gazotti

Saúde, meu povo!
Cantai-vos a aurora nascente,
Que segue em aura crescente
Pelas janelas entreabertas das casas

Sentimos então o calor na pele,
Que esquenta da testa a alma
O frio imóvel que é a vida,
Pois isso é tudo que temos

Larguem pois as inutilidades,
Que nos cercam abundantemente,
E cantemos a felicidade!

Felicidade essa que é nossa amiga,
Companheira viril de tempos difíceis,
Parceira inegável de nossas vidas.

Sem título

Julia Bergamo

Escuta bem, moça
Escuta o Chico que toca ao fundo, ou escuta o Caetano.
Sente o cheiro da cebola com alho que frita na panela quente
Ao lado da água pro arroz que logo ferve.
Sente o cheiro do teu perfume preferido espirrado mais cedo na tua camiseta favorita
Que cita aquele poeta que dizia que tem nele todos os sonhos do mundo.
Sente o gosto da cerveja barata que estava esquecida na geladeira, mas que fez todo sentido estar ali naquele momento.
Sente o gelo que auxilia o calor da sua mão.
Vê a cor da sola do pé preta por arrastar no chão pra dançar na voz do Chico que te diz
“Não se afobe não que nada é pra já...”
Aquieta esse peito que palpita mais que a panela de pressão
Logo teu feijão vai ser preto
Com vista salgada pro mar.



Allan Sacheto

José sempre ficava confuso ao ver os seus pais se despedirem no café da manhã.

–Vai com Deus!

–Fique com Ele!

Afinal, com quem Deus ficaria?

–Ele vai ficar comigo.

–Nem pensar! Ele é meu filho.

Ao ver José na escada, rindo da discussão que precedia o divórcio, sua mãe disse:

–Como você consegue rir em uma situação dessas?

–Desculpa, mãe. É que estou me sentindo um pouco como Deus hoje.



Inflamações

Vitória Seidel

Para cidades inteiras

Grita meu nome

Na desesperada tentativa

De encobrir

O eco da solidão.

Corrói-te de lembranças

-quase- propositalmente;

Por achar, da vida,

Somente o tédio.

Brinca de estopim com a morte

Quando daquelas noites obscuras

Em que abres o olho a cada dez minutos

E só enxergas o reflexo

De um lugar sempre diferente:

Como se a dança da vida

Só te permitisse um gole por noite.

E sobrevive disso,

Como os pombos que se alimentam

Do milho de velhas

Já esquecidas pelo tempo.

Fizeste, da garrafa, diário

Para tuas bobagens.

Mas, quando as páginas acabam,

Vê-te obrigado a arrastar-te

Até alguma dessas espeluncas

Que vendem Desassossegos engarrafados

Enquanto trocam-se os olhares

Entre as almas moribundas

Que, por algum motivo,

Têm o passado tão parecido a

Quanto se assemelha, agora, o presente.

E enfeites de túmulo

E putas de bordel

Não são suficientes

Para o teu vazio.

Caminha em círculo

Buscando a precisão

Do sentido:

Contorna o

Nada.

Como último recurso, ainda,

Foge para a imaginação

E pula e chuta e corre e brinca e

Cai.

Com os joelhos ralados e ao chão,

Rende-te, e brada que:

Sim, eu aceito, enfim, a porra do vazio.

E sabes, ao suspirar a rendição,

Que não há nada que te vá preencher.

Ora, ele estará pulsando e gritando presença,

Outra, saberás abafá-lo

E disfarçá-lo com pessoas, livros ou teorias babacas.

Mas, agora, sabe que não pode livrar-se dele.

E o carregará para sempre no peito

Como fosse um órgão inútil

Do qual se valem apenas

As inflamações.

Você sempre estará aqui

Vinícios Ramalho



Olhava para o céu apagado e não encontrava sequer uma estrela. As nuvens estavam esfumaçando o quadro negro que se estendia sobre meus olhos. A paisagem que estava do lado de fora do carro percorria a minha visão e seguia adiante. A noite estava fria, as árvores dançavam ao som do vento e os pássaros se escondiam dentro de suas próprias moradas. Tudo parecia quieto, sombrio e gelado. No entanto, uma coisa estava quente, algo que confortava todo esse cenário apagado e conferia luz a esse caminho. O coração daquele garoto que olhava pelo vidro era o lugar mais confortável do mundo. Dentro dele havia um nome, o rosto de outro garoto, cujo sentimento e sobrenome eram paixão. Os dois, mesmo que de longe, estavam juntos. Enquanto um deles estava sentado olhando para fora, o outro estava do lado de fora o esperando. O luar parecia ter desaparecido, o céu desvanecido, mas tudo tinha um propósito: todos resolveram se sentar e enxergar o amor que estava contido ali, no peito daqueles pequenos rapazes. E, de algo eu tinha certeza, nada poderia ser mais bonito e cheio de brilho que aquele romance. No dia 20 de janeiro de 2015, o primeiro garoto enviou um bilhete ao segundo e dono da metade de seu coração:

“Depois de estudar literatura, aprendi que um soneto decassílabo é aquele que possui dez sílabas métricas, que um poema pode apresentar rimas ricas, isto é, rimas entre palavras de classes gramaticas diferentes, assonância (repetição de sons vocálicos), aliteração (repetição de sons consonantais) e entre outras características. No entanto, também existem os poemas sem rimas (versos brancos) e sem uma quantidade de sílabas exatas. Tentei explicar alguns conceitos rapidamente para chegar a uma conclusão: na vida, existe um soneto chamado amor, mas ele não apresenta dez sílabas métricas por não conseguir se expressar totalmente nessa quantidade, ele precisa de mais palavras; proporciona as rimas mais ricas de todas, já que possuem duas pessoas, eu e você; e no lugar de sons vocálicos e consonantais, apenas existe a repetição do pronome “você juntamente ao advérbio “sempre, formando, assim, o primeiro verso “Você sempre estará aqui”.

A grama que cresceu entre o concreto

José Edgar Bachman

Tudo era semelhante, mas era diferente. Era a conclusão a que ela chegava depois de quinze minutos no antigo bairro, as pessoas ainda trabalhavam, planejavam as férias, agradeciam os feriados, levavam seus filhos a parquinhos...Com essa visão, ela podia ver sombras de sua antiga vida por toda a parte, e simplesmente não conseguia compreender como tudo permanecera tão semelhante e como somente a vida dela tinha mudado tanto. Ela pensou naquela palavra “mudado”, o maior eufemismo de sua vida; ainda estava para ser produzido um adjetivo que exemplificasse o quanto sua vida havia piorado. Tudo de fato havia mudado e o que restava de sua vida não passava de sombras, que ela começava a distinguir. Reconheceu um prédio e só o associou à antiga padaria do bairro, preferida deles, quando viu uma pintura que carregava um nome e logotipo, castigados pelos anos, mas ainda visíveis e tentando cumprir seu papel de publicidade. Ela continuou seu caminho.

Alguns carros enfileiravam em frente dela, e logo se perguntou o que acontecia, até ver ao seu lado direito uma mulher segurando em uma mão uma bolsa azul e na outra uma criança com um uniforme que uma vez fora branco. Logo se lembrou de que aquele era o momento da saída da pré-escola; muitas vezes havia levado e buscado crianças ali, (quer fosse sua, quer de sua irmã) e muito bem poderia ser sua a figura da mulher que agora atravessava a rua em frente ao seu carro, segurando uma pequenina, porém muitíssima calorosa mão, ouvindo atentamente o maravilhoso relato do que transcorreria durante aquele dia.

Quando se deu conta do que observava, sentiu-se transtornada; parecia que cada passo delas (principalmente o da criança) causava um tremor em seu coração, enquanto na distância podia ver uma névoa negra de pranto e tristeza que turvaria seus pensamentos e ações. Eram esses os momentos mais horríveis de sua vida, e sabia que se visse a imagem de seu pai ou filho (principalmente do filho) traria toda aquela névoa para dentro de si e desabaria. Mas com muita determinação afastou aqueles sentimentos e, assim que elas atravessaram, prosseguiu com o carro. Sabia que hoje iria rever muitos monstros, iguais desde

muito tempo, porém que algumas vezes se disfarçavam de tal maneira que pareciam até novos, só que sempre suscitando velhas dores. A fila de carros andou e ela prosseguiu.

Agora que conseguira controlar suas emoções (pelo menos temporariamente), associou a figura das crianças à de seus sobrinhos e começou a pensar na mãe deles. Ela se lembrou da ajuda que recebeu da irmã, das lágrimas que juntas derramaram, lembrou-se da capacidade que a irmã tinha de sintetizar milhares de palavras em um olhar, como uma linguagem própria. Em alguns momentos ela foi sua fortaleza, o último bastião. Porém outro momento saltou a sua mente, ela havia acabado de acordar e estava no sofá quando olhou para sua irmã que estava na cozinha fazendo café e encarando a fumaça que saía do coador, os olhos dela não tinham uma expressão vazia, comum, como quando não se pensa em nada, parecia revelar outro tipo de expressão, uma expressão de alívio, uma expressão que dava graças a Deus pela vida de seus filhos, enquanto o verdadeiro herói estava apodrecendo a várias covas de distância; não era um olhar de celebração, mas ainda assim aquilo era inaceitável para ela, ainda mais vindo de sua irmã; saltou do sofá e começou a esbravejar, enquanto quebrava o bule de café com movimentos ferozes. Logo depois se desculpou, não porque se arrependia do que havia feito, mas sim por ter culpado sua irmã por aquela sensação de alívio. Mas mesmo assim passou um bom tempo sem olhar para os sobrinhos.

Finalmente, chegou ao quarteirão de sua antiga casa e desligou o carro na esquina da rua, enquanto reunia um pouco mais de coragem para entrar na casa, quando viu outro monstro, muito familiar, que não se deu ao trabalho de encontrar um disfarce. Felipe era o nome do garoto e como havia crescido! Estava muito bonito, na plenitude de sua juventude, grande parte de sua beleza se fazia ali, em sua confiança, seu poder, sua força e inteligência. Ele sequer a olhou, pois atravessou a rua em um passo rápido e decidido, provavelmente perdido em seus pensamentos. Talvez fossem bobagens, vicissitudes de um adolescente, mas ela preferiu pensar que não, ela optou por imaginar um Felipe que pensava na seriedade das decisões que se interpunham em seu caminho; quais seriam as que mais

trarão felicidade, quais se tornarão arrependimentos? Essas questões exigiam demasiada atenção para que um jovem olhasse à sua volta para atravessar uma rua tão parada com aquela, muita atenção para que ele visse a mãe de seu antigo amigo de infância, aquele que havia morrido, e mesmo que tivesse olhado custaria muito para reconhecê-la, o tempo parecia ter cobrado muitos anos a mais dos poucos que ela havia sobrevivido. Saiu do carro e iniciava agora uma das maiores caminhadas de sua vida, somente menor que a do enterro.

Logo pode avistar a casa, em ruínas, obviamente ninguém iria comprar uma casa com aquela história, e cada passo era mais vagaroso que o anterior. Lembranças milhares invadiam sua mente e ela pode rever toda a história daquela casa, sua construção, seus moradores e por fim lembrou-se do terrível fim que não fez jus àquela casa, merecia algo muito mais digno. Assim que chegou frente ao portão pode ver um tímido fio de grama crescendo entre o concreto, e aparentemente ele mostrava um caminho a ser seguido. Como não sabia como começar a difícil tarefa de andar naquela casa, resolveu aceitar a ajuda daquelas plantas.

Continuou a ressuscitar memórias enquanto via o quarto de seus irmãos, que haviam sido excelentes para ela. O próximo local que lhe foi mostrado pela trilha de grama foi a sala, a principal causadora de tudo aquilo. Uma família pobre e aquela casa refletia isso, um quarto dividido por muitas pessoas, o chão ainda no concreto, várias paredes feitas de compensados de madeira, uma instalação elétrica péssima, tão ruim que conseguiu causar um incêndio que matara duas pessoas.

A trilha da grama a levou à cereja daquele bolo amargo, o quarto de seu pai, seus olhos se encheram de água antes de entrar. Quando entrou, pode ver com vivacidade tudo o que ali ocorrera, não somente o incêndio, mas, tudo. Seu pai havia sido muitas coisas em muitas oportunidades, mas além de tudo tinha sido um ótimo pai e um avô melhor ainda. Ele e o neto eram muito próximos, e uma atitude que seu filho desenvolvera graças à ajuda de seu pai fora a bondade, em todos os seus aspectos. Era altruísta, tomava a frente para ajudar os outros, era livre de todo preconceito e amoroso... A dor que ela sentia quando se lembrou do amor de seu filho era a mais forte e antiga de todas. Estava aos prantos, como já fizera milhares de vezes e faria muitas mais, quando se lembrou do calor de seu abraço e do frio que ela sentia ali, frio esse que nunca a abandonaria, que iria somente aumentar enquanto ela vivesse, sentiu-se estranhamente confortada com o pensamento de que a última coisa que o avô e neto presenciaram foi o calor de um abraço. No início da madrugada as faíscas começaram. Logo uma cortina dá princípio ao fogo, depois um balcão

e a casa está em chamas. Ele ouvira alguns estalos e levantara assustado. Quando chegou à sala e viu o que estava acontecendo, gritou o mais alto que pode e foi acordando seus tios. Enquanto eles se levantavam e tentavam conter o fogo e abrir um caminho para fuga, sua primeira ação foi encontrar seus primos. Acordou-os, eram grandes o suficiente para andarem sozinhos. Assim que levantaram, estranharam o cheiro, a correria e o barulho na casa, não retardaram a saída e, com as mãos firmemente dadas, ele saiu pelo portão com eles. Logo estava no meio da pequena multidão de vizinhos que se alvoroçava em frente a sua casa, achou que aquela seria uma história e tanto para contar, e pensou na melhor maneira de fazê-lo. Iria perguntar a seu avô qual a melhor maneira de contar aquela história, e começou a procurar o avô, quando se deu conta de que ele não estava ali. Lembrou-se dos problemas nas pernas do vovô e de que ele toda vez precisava de ajuda para levantar. Sabia que ele precisava de ajuda, não pensou duas vezes, voltou a casa em chamas.

Encontrou o avô caído, ao lado da cadeira de rodas. Ajudou-o a levantar-se e a subir na cadeira. Quando tentou empurrar a cadeira, suas mãozinhas queimaram. Enquanto gritava de dor com as mãos vermelhas, um pedaço de compensado caiu em chamas bloqueando a porta aberta. O avô tentou de todos os modos fazer com que ele subisse uma janela próxima, mas ele não conseguia por causa das mãos. Tentou, por último, jogá-lo, mas o garoto acabou caindo e cortando o rosto, chorava agora. O avô conseguiu puxá-lo para perto de si, encostou a cabeça dele em seu peito, enquanto ele mesmo também começava a chorar naquele intenso calor e disse: "Acalme-se criança, tudo vai ficar bem". Enquanto isso, o fogo transformava aquele abraço apertado em duas massas carbonizadas, mas claramente unidas.

Ela estava deitada no meio do quarto, soluçando e chorando sem ter mais lágrimas. Havia pensado em literalmente todos os cenários possíveis para que seu filho e pai acabassem vivos, mas aquilo não mudava em nada a situação e ela simplesmente sentia o peito arder com uma dor excruciante e insuportável que levava sua vida embora. Agora tinha certeza de que sua vida tinha acabado naquele dia, junto com a vida de seu filho e de seu pai. Não se mantinha em empregos, perdera as antigas amizades, a relação com seu marido deteriorava-se e a única coisa constante era aquela dor que se autodeclarava rainha de seus pensamentos e ações. E, no final, depois de recomposta, indo para o carro, pensou que tudo seria diferente mas muito semelhante, assim como aquela grama que crescia pelo concreto.





